

COMETA

Tanto se tem fallado em cometas, que me será licito metter tambem o bedelho em assumptos astronomicos. Recordarei apenas cousas aqui passadas em tempos idos. Não podem, pois, causar panico as seguintes notas:

Ha no museu do Instituto Historico um curioso quadro, em cuja parte inferior ocorre a seguinte inscripção manuscrita: "Figura do Cometa, que appareceu no Rio de Janeiro, no anno de 1843, desenhada por José dos Reis Carvalho, mestre de desenho da Academia de Marinha, como se apresentou á vista pelas sete horas da tarde, primeiro dia de sua apparição. Elle o observou de sua casa situada na face esquerda do Rocio (olhando para oéste) defronte da rua do Thesouro, e lhe addicionou a perspectiva dos edificios que ficavam tambem a oéste na direcção das visuaes dirigidas ao cometa".

Pelo que se nota devia ser bellissimo espectaculo, apreciado durante um mez pelos contemporaneos das revoluções de S. Paulo e Minas Geraes, do processo de quatro senadores, das gondolas e omnibus, do azeite de peixe e do padre Kelé.

Sustos e temores tambem o tal cometa produziu. Uns promptos para morrer se confessavam e commungavam. Outros até chegaram a fazer testamento.

Sôbre o cometa que nos visitou em 43 escreveu uma memoria Maximiano Antonio da Silva Leite, socio correspondente do Instituto Historico. Antes de citar trechos desse trabalho publicado no tomo 5º da *Revista do Instituto*, darei biographicos sôbre o auctor. Nasceu no último quartel do século 18º e falleceu, diz o dr. Sacramento Blacke, no Rio de Janeiro a 29 de Agosto de 1844. Estudou na antiga Academia Militar, e sendo capitão do 3º batalhão da brigada de marinha, foi nomeado lente de Mathematicas da mesma Academia de Marinha a 16 de Dezembro de 1822. Mais tarde, a 26 de Abril de 1824, foi transferido para a cadeia de Artilharia. Foi jubilado a 18 de Janeiro de 1844.

Adverte o auctor que, por falta de instrumentos, não pode determinar com precisão as differentes posições em o céo, e por isso se deve considerar como approximação tudo quanto passava a dizer. Guiou-se tambem por informações. Escreveu sôbre a materia por instancias do conego Januario da Cunha Barbosa.

Começou o cometa a ser visto em 28 de Fevereiro. Pessoa de sua confiança assegurou a Maximiano que apreciava o phe-

nomeno cêrca do meio dia. Tinha-o visto distante do sol cousa de um covado e apresentava a figura do tamanho de uma bola de bilhar, tendo uma pequena cauda. Nos dias 1, 2, 3 e 4 de Março ninguém fallou mais em cometa.

Em 5 de Março (dia em que se fez á vela a esquadra brasileira composta de uma grande fragata e duas corvetas, afim de conduzir a princeza contractada esposa do imperador do Brasil o senhor d. Pedro II) o céu esteve encoberto e por isso não lhe dei attenção; mas algum tempo depois do sol posto, dissipando-se as nuvens para a banda do Oéste, immenso número de pessoas o viram, e então já estava mais separado do sol; pois a cabeça delle, segundo alguns, poz-se depois das 7 horas; disseram outros que não perceberam a cabeça. A sua cauda era muito grande, e segundo notei nos dias seguintes occupava no céu um espaço de mais de 50 grãos, delgada para a cabeça e alargando para cima, de maneira que me pareceu ter a figura de um trapezio, bem terminado até quasi á extremidade superior, pois aqui começava a desvanecer-se em phosphoros, mas alargando uniformemente. A sua superficie era lisa e sem póros, excepto na dicta extremidade superior; a sua côr era de perola e representava a imagem de um immenso fogo visto de longe. Eu nunca vi cauda semelhante.

A bordo da nau *Pedro Segundo*, surta neste porto, foi observada a cabeça a Oés-Sudoéste magnetico, e a cauda dirigindo-se por entre Léste e Léste-Nordéste, ás 7 3/4 horas da tarde, tempo médio, e que não tardou a pôr-se".

No dia 6 as nuvens não permittiram ver. Em 7 e 8 foi visto a Oés-Sudoésta. Em 9, 10 e 11 não pôde o cometa ser observado.

Em 12 foi visto claramente: a côr da cauda mais fraca, mas a extensão da mesma grandeza. A cabeça mais a Léste e mais ao Norte. A cabeça foi observada a O 1/4 ás 9 horas, tempo médio, e desapareceu pouco depois.

Em 13 a cauda vai perdendo a côr. Conserva a mesma extensão. A cabeça caminha para o N e para E.

Em 15 e 16 desapareceu mais tarde. Cita o auctor observações até 2 de Abril. A 5 deste mez nada mais foi visto.

Entra em seguida o professor Maximiano em algumas consequências destas observações, tirando dellas várias deducções. "Constou por noticias vindas de Lisboa, publicadas no *Jornal do Commercio*, de 1º de Maio, que fôra visto naquella cidade ao Sul do Tejo, um cometa em 10 de Março deste mesmo anno, porém como não se diz a paragem do céu em que foi visto, não podemos affirmar si era este o mesmo, que observamos no Rio."

Passados 16 dias depois do desaparecimento do cometa, isto é, em 20 de Abril, pelas nove horas da noite, viu-se noutra cidade um extraordinario meteóro que causou espanto; assimilhava-se ao fogo expellido por uma pistola de fogo artificial, com côr algum tanto amarellada e exclareceu muito a cidade por espaço de um minuto e extinguiu-se. O seu curso foi de Leste para Oeste, pela mesma paragem onde se tinha visto a cauda do cometa, e d'aqui vejo dizerem que o cometa tinha retrocedido e aberto uma grande bocca de fogo em cima da cidade. A noite estava escurissima. Não se via estrella alguma. Não chovia.

Há na referida memoria escripta em 28 de Junho de 1843 um *Post scriptum*. Cita um correspondente do *Times* que observou o mesmo cometa visto no Rio de Janeiro no Observatorio de Kensington. Tal meteóro foi tambem apreciado em quasi toda a Europa.

Acêrca do cometa de 1843 occorrem ainda no mesmo tomo 5º da *Revista* observações feitas em Buenos Aires, por Felipe Senilosa e d. Vicente Lopes, associados ao engenheiro Romero. Taes estudos constam do n. 3593 de 24 de Agosto de 1843 do *Diario de la Tarde*, de Buenos Aires, enviado graciosamente ao Instituto Historico por d. Thomaz Guido, encarregado de negocios e representante de seu paiz na côrte do Rio de Janeiro. Este interessante artigo foi publicado com anotações tambem de Maximiano Antonio da Silva Leite.

Sobre o phenomeno meteorologico, de que ora me occupo, o notavel mathematico Pedro de Alcantara Bellegarde calculou a orbita. Suas observações figuram na *Minerva Brasiliense*, sob o titulo *Astronomia*. Admittindo a hypothese de que a cauda do cometa de 43 pudesse ter tocado a terra, asseverava que, "si este phenomeno teve logar, elle nos confirma na opinião de que uma substancia tenuissima, como é a cauda de um cometa, não póde reagir naturalmente sobre a nossa atmosfera.

Com effeito, uma substancia tão pouco densa que deixa passar através de muitos milhares de leguas, a imagem das mais pequenas estrellas sem alteração sensivel, deve ser dotada de uma densidade e portanto de uma quantidade de movimento tão pequena, que o effeito de seu choque sobre a massa da terra deve ser inapreciavel.

Quando appareceu este cometa (de 43) chegou aqui á nova do descobrimento de um, em Outubro, pelo astronomo Laugier, de Paris. Julgou-se ser o mesmo. Augmentava o interesse de tal identidade a similhança, que ao principio pretendia Laugier achar no cometa por elle descoberto com o que foi visto na China em 1301. Laugier provou depois o

seu engano. Quanto ao nosso, conclue Bellegarde, os seus elementos provam exuberantemente que não era nenhum dos.

Na sua *Dedução Chronologica*, o general Abreu e Lima, com relação ao assumpto destas notas escreveu: "No dia 28 de Fevereiro de 1843 appareceu de dia á simples vista um immenso cometa caudal muito perto do Sol; porém não foi mais visto de dia, até que no dia 5 de Março, em que saiu a divisão naval, que foi buscar a futura imperatriz do Brasil, tornou a apparecer logo á noite com sua majestosa cauda apresentando uma columna luminosa de 42 grãos, quasi metade do quadrante. Esta cauda dirigia-se de OSO a ENE. Apresentava na sua parte superior uma curva mui sensivel, cuja convexidade se voltava para o Noroeste. Foi visivel por mais de um mez".

Sobre o cometa Laugier foi tambem publicado no *Jornal do Commercio*, de 9 de Março de 1843, extenso artigo assignado por Saulier De Sauve e datado de Genebra.

De tudo resulta que, como hoje, o apparecimento de um hospede viajante suscitou aqui observações feitas com os poucos meios de que dispunhamos.

Mais feliz que o de Halley, o viajante de 1843 teve para canta-lo um grande poeta. Em vez de versos chulos e gaitados entoados pelo pessoal da arrelia, teve a mimosa e suggestiva inspiração poetica que se lê na *Minerva Brasileira*. E' da lavra de Dutra e Mello, genial mancebo fallecido aos 23 annos de idade e auctor de *Uma Manhã na Ilha dos Ferreiros*. Termina assim:

Oh ! quem diz que não são nuncios do Eternó !
 Oh ! quem diz que um tal astro ser não possa
 O Anjo do systema que passeia
 Visitando os dominios que dirige ?
 Quem diz que não será carcere errante
 Cheio d'almas de reprobos d'um mundo
 Vivo, morto e julgado antes do nosso ?
 Ninguém; certo, ninguém. — Taes conjecturas
 São como outras quaesquer soltas ao vento.

.....
 Deixemos, pois, vagar na immensidade
 Globos que se revolvem;
 Procuremos achar-lhes os caminhos,
 E vejamos na prática os agouros
 Como se cumprirão. — Nem mais devemos. —
 Ide, pois, astros pallidos, gyrando
 Solitários no ar. — O Anjo do Globo
 Acenando co'a mão queira arredar-vos.

Sabbado, 21 de Maio de 1910.